

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LISBOA, CAPITAL DA INTRIGA INTERNACIONAL

12 e 17 de Março de 2026

Hammerhead / 1968

CABEÇA DE MARTELO

um filme de DAVID MILLER

Realização: David Miller *Argumento:* William Bast, Herbert Baker, Johyn Briley (adaptação) a partir do romance James Mayo *Fotografia* (35 mm, Technicolor): Wilkie Cooper, Kenneth Talbot *Som:* Hugh Strain, Charles Crafford *Montagem:* Geoffrey Foot *Direcção Artística:* John Howell *Coreografia:* Ralph Tobert *Cenografia:* Pamela Cornell *Guarda-roupa:* Brian Cox *Caracterização:* Alan Brownie, Anne Box *Música:* David Whitaker *Efeitos especiais:* Patrick Moore Duplos (supervisão): Gerry Crampton *Interpretação:* Vince Edwards (Charles Hood), Judy Geeson (Sue Trenton), Peter Vaughan (Hammerhead), Diana Dors (Kit), Michael Bates (Andreas / Sir Richard), Beverley Adams (Icory), Patrick Cargill (Inspector Condor), Patrick Holt (Huntzinger), William Mervyn (Walter Perrin), Douglas Wilmer (Pietro Vendriani), Tracy Reed (Miss Hull), Kenneth Cope (motociclista), Kathleen Byron (Lady Calvert), etc.

Produção: Columbia (Reino Unido, 1968) *Produtor:* Irving Allen *Produtor associado:* Andrew Donally *Cópia:* DCP, Technicolor, legendada electronicamente em português, 100 minutos *Estreia Mundial:* Abril de 1968, no Reino Unido *Estreia comercial em Portugal:* 3 de Janeiro de 1969, no Europa, Lisboa *Primeira exibição na Cinemateca.*

AVISO

A cópia digital que vamos apresentar, com boa qualidade de imagem, tem deficiências ao nível da banda sonora, possivelmente decorrentes da migração para este formato, o que em projecção resulta em diálogos surdos e por vezes baixos em contraponto com a música alta e por vezes estridente. Fica a nota aos espectadores, cuja compreensão se agradece.

É uma Lisboa que não existe, uma Lisboa que nunca existiu. E não obstante é tudo verdade na ficção do cinema, com todas as cores, todo o alarido, acções descabeladas, a geografia inventada com cenários realistas e irrealistas, personagens verosímeis e inverosímeis, sentido de irrisão agudo, algum *kitsch* com muito mar por quase todos os lados. HAMMERHEAD até apresenta uma mulher-hamburger, uma mulher-sanduiche, literalmente ensanduichada num pão gigante do qual escorre um espesso ketchup da cor de ketchup na festa-espectáculo da “inauguração de uma exposição de arte” da abertura em esplendor Technicolor. Luz, acção. Os focos luminosos piscam reflectindo os halos cromáticos nos planos a negro iniciais da sequência na arena de circo (um edifício de pedra circular, não uma tenda) com manequins, tiros, números delirantes de variedades psicadélicas, para onde HAMMERHEAD atira o espectador de chofre, antes da intriga internacional em Lisboa. Por enquanto, o contexto é londrino.

O protagonista, um tipo sóbrio de fato e gravata escuros, camisa branca, surge no *zoom* que o destaca como observador do tumulto circense entre confettis, aplausos, tomates esmigalhados e arremessados ainda na sequência inicial. Antes do homem vestido de profeta que vem dar-lhe coordenadas confidenciais, das máquinas de vento, da paródia da destruição da cena, do “glorioso” final da mulher quase despida em cima de quem é vertido o sucedâneo vermelho-escuro de sangue entre duas supostas fatias de pão gigante e muitos urros. Antes da polícia entrar na desordem da cena para a debandada, até da mulher-sanduiche. A sequência acaba em gritaria e correria, de todos menos um, o herói não corre. Já no exterior sai de carro, encontra a heroína lá dentro, já a víamos de relance no “circo”, meia-despida com fitas cor-de-rosa no cabelo loiro. Está formado o par, *very british* ou *not very british*. Vince Edwards e Judy Geeson são Charles Hood e Sue Trenton, as personagens que pouco depois desembarcam em Portugal. É lá, cá, que a acção decorre, até ao desfecho, com nova festa, a sequência-espelho desta primeira, uma algazarra ao ar livre na baía de Cascais, em modo integral *hippie*.

A intriga é de espionagem, bem-entendido. Edwards é, pois, Charles Hood, a personagem escrita por James Mayo num estilo aproximável aos dos romances de Ian Fleming: um agente encarregado de capturar o vilão

suspeito de roubar planos secretos da NATO e colecionador de pornografia – quase tudo em HAMMERHEAD, também nome da personagem malévola de Peter Vaughn, é politicamente incorrecto, para não falar de falta de gosto, que aí se joga o escárnio. A paródia é óbvia, o modelo transparente o de 007, o agente secreto ao serviço de Sua Majestade que uma vez correu pelo Estoril com os traços de George Lazenby, desgraçadamente num dos menos conseguidos títulos da série (ON HER MAJESTY'S SECRET SERVICE, 1969). O que prende a atenção de um espectador português de 2026 de HAMMERHEAD são mesmo os motivos portugueses, os cenários reconhecíveis do eixo Lisboa-Cascais, o itinerário que parte do Terreiro do Paço e do Cais das Colunas, tem a (então recente) ponte 25 de Abril (chamava-se Salazar) como elemento cénico de destaque no Tejo, as ruelas e becos da Lisboa antiga, uma sala de cinema suspeita algures no centro da cidade, o Forte de Santa Maria, à praia do Guincho e outros hotéis no Estoril, mansões em Sintra, a Torre de Belém como lugar de uma importante reunião internacional, passagem pela marginal e incursão na chamada região saloia... brilha a inverosimilhança de tanto colorido no Portugal cinzento e pardo de 1968, atrofiado pelo salazarismo e a milhas do é a graça de HAMMERHEAD.

Nada disto chamou a atenção de um fã número 1 de HAMMERHEAD e de Vince Edwards, não neste filme mas em MURDER BY CONTRACT, THE KILLINK, CITY OF FEAR, THE DEVIL'S BRIGADE... Quentin Tarantino. É conhecida a cinefilia particular de Tarantino e é ele quem põe HAMMERHEAD nos píncaros (vê-se num registo disponível no YouTube), elogiando em especial a participação de Judy Geeson. *Very cool, very sixties*, diz Tarantino do filme, falando do actor como *very not sixties* e de uma personagem de agente secreto da era Eisenhower que existe numa “bolha Eisenhower”, ficando, por conseguinte, ao lado do *flying wild sixties movie* construído numa “bolha anos 60”. Na tese entusiasmada de Tarantino, HAMMERHEAD é um filme que “que quase satiriza tanto os anos 1960 como BOB & CAROL, BOB & TED & AND ALICE (Paul Mazursky, 1969) [...] sendo um permanente comentário a si próprio, e ainda que Vince Edwards não faça parte desse comentário”. Já Judy Geeson consegue, na mesma avalizada opinião, “ser a melhor atriz de todos os filmes de espionagem de sempre com esta personagem”, é verdadeiramente ela, em linha com “a bolha anos 1960 do filme”, “a protagonista”, que com um gozo evidente “se infiltra permanentemente na aventura”. “Um pouco como Barbra Streisand em WHAT'S UP DOC? (Peter Bogdanovich, 1972) mas apanhada num filme de espionagem dos anos 1960”. É a melhor defesa contemporânea de HAMMERHEAD.

À época, o filme estreou em Portugal, onde terá sido filmado por questões financeiras (supostamente, a ideia inicial seria a Riviera francesa), coincidindo com a estratégia do regime português, então de olhos postos nas mansas possibilidades turísticas do território. Sabe-se que estreou no meio de controvérsia, para adultos maiores de 17 anos, e com os habituais cortes de censura do Estado Novo, um dos quais a cena-âncora na cabina de projecção da sala porno lisboeta (com um projectador meio-amador, note-se) que o protagonista interrompe para fúria da plateia para ver projectado um anódino excerto fílmico de espionagem. Talvez seja instrutivo citar os cortes impostos no ofício do Inspector-chefe responsável de 08-08-1968 (citado de um documento transcrito pelo historiador Rui Lopes), sublinhando como o procedimento era norma, e ainda assim benévola, no sentido em que a alternativa era a proibição pura e simples dos filmes:

Na 1ª Parte:

- a) No genérico devem ser eliminados os nus que aparecem em 1º plano ou que estejam em evidência;*
- b) Devem ser reduzidas as cenas que representam “incitação à violência” como os tiros no crânio dos manequins, os cortes dos corpos à machadada, etc...*
- c) Deve ser reduzida substancialmente a cena da mulher deitada, semi-nua sobre a qual estão a deitar tinta (entre as legendas 1 a 15) ou outra substância vermelha e o transporte desta mulher em maca.*

Na 3ª Parte:

Quando termina a 2ª parte até à leg.225, da 3ª parte, devem:

- a) Reduzir as cenas da mulher, no bar do iate, a dançar [no ofício dansar] sozinha, de pé e deitada, contorcendo-se;*
- b) Cortar a cena do detective, quando este sobe as mãos até aos seios da mulher que está a dançar e quando lhe diz: “Mais alto...a música”.*

c) Corta a cena em que a mulher dança e se contorce, encostando-se ao detective Hood;

Na 4ª Parte:

Reduzir a cena em que a mulher (Yvory) está na cama e beija o detective Hood, cerca das legendas 321 a 330.

Na 6ª Parte:

Cortar a cena que começa por um 1º plano e ancas e ventre contorcendo-se entre as legendas 370 a 390;

Na 7ª Parte:

Entre as legendas 541 a 553 cortar a imagem final, da mulher nua, que está a ser projectada no écran.

Que filme terão os espectadores portugueses de 1969 visto no cinema Europa, pode perguntar-se. A crítica publicada na revista *Plateia* de 10 de Dezembro de 1968 intitulou-se “Um filme inglês pouco(?) dignificante para Portugal”, pela implícita má imagem do país. Com certeza. Era assim. Os espectadores mais atentos da Cinemateca sabem, os processos de censura têm sido estudados e trabalhados no arquivo e em filme-montagem de cortes de censura por Manuel Mozos que, com Margarida Sousa, tem dedicado tempo precioso ao assunto. São fontes históricas ímpares.

Uma última nota, para sublinhar que a figuração do primeiro taxista local tem sotaque brasileiro, que o castelhano é várias vezes convocado, salvando-se a honra da língua portuguesa na parte final do filme em meia-dúzia de falas secundárias, por fim acertando cenário e idioma.

Maria João Madeira